

# SUL-AFRICANOS

# NÃO SOCORRERAM FERIDOS

27/10/86

— afirmam três sobreviventes

Três dos sobreviventes da ocorrência no passado dia 19 vitimou o Presidente Samora Machel reafirmaram ontem, que embora tendo chegado a tempo junto dos destroços, os sul-africanos não se preocuparam em providenciar auxílio urgente aos feridos. Fernando Manuel João, um dos feridos sobreviventes, voltou a afirmar, que antes da queda se ouviu dentro do avião uma explosão, a que se seguiu uma escuridão total e o silêncio dos motores. Almeida Pedro, por seu turno, diz que não ouviu a explosão nem se apercebeu da falta de luz pois vinha a dormir, enquanto que Daniel Cuna afirma que, apesar de na altura se encontrar desperto e a ler, não se recorda de nada.

Almeida Pedro, acrescentou que os sul-africanos recolheram no local do acidente muitos papéis, pastas de documentos e dólares que traziamos para além de registos fotográficos e de vídeo.

Os três sobreviventes falavam ontem numa conferência de imprensa que concederam na sede do Comité Central do Partido, e durante a qual relataram algumas passagens da ocorrência em que estiveram envolvidos.

O primeiro a falar foi Fernando Manuel João, para, de forma sucinta, narrar como decorreu a viagem desde a Zâmbia até ao local do despenhamento.

Ele disse que o avião partiu de Mbala, às 18.30 horas locais e previa-se que o voo até Maputo demorasse duas horas e 45 minutos.

Cerca das 20.50 horas, quando o voo decorria normalmente, a hospedeira Orlanda comunicou-nos que estávamos prestes a aterrar em Maputo e que toda a gente deveria preparar-se. Às 21 horas, ouviu-se dentro do avião algo semelhante a um tiro. O ruído veio da região central da cabina de passageiros, no VIP-2. Imediatamente apagaram-se por completo as luzes e os motores. Espantado, mas não alarmado, Fernando João perguntou a um companheiro, que se encontrava próximo dele na parte traseira da cabina, o que se passava. Este respondeu-lhe que não sabia. Disse que talvez estivessemos para aterrar em Maputo. Não falaram mais.

— No meu relógio, eram 21.05 horas quando o avião fôcincou em Mbu-

zini — disse Fernando Manuel João. Acrescentou que ele foi cuspidor juntamente com o seu banco.

Já fora do avião, desapareceu o cinto que o prendia ao banco e manteve-se em pé durante cinco minutos. Teve vertigens e desmaiou. Cerca de

pedido, levou-o à casa do Induna. O Induna começou a Interrogar-me sem sair da casa (eram 22.30). Só à zero hora saí de casa e disse que tinha ouvido o barulho da queda do avião, mas não sabia o que se passava.

As seis horas apareceu a ambulância, mas Fernando Manuel recusou-se a ir para o hospital sem primeiro voltar ao local do despenhamento.

No local da queda, a minha primeira preocupação foi de saber sobre o Camarada Comandante-Chefe. Mas nada pôde fazer, pois o pai da Nação moçambicana estava morto. Preocupou-se então em salvar companheiros que ainda estavam vivos, desentalhando-os do meio da chaparia, sem que os sul-africanos ajudassem. Falou com o chefe da Polícia, que mandou vir um helicóptero para levar os feridos para o hospital.

As nove horas, sentindo já as forças faltarem-lhe, foi levado de ambulância, numa viagem de três horas, para o hospital, onde cinco minutos depois apareceria o Vice-Ministro da Saúde, Fernando Vaz.

Almeida Pedro, por sua vez, diz que viu os sul-africanos recolherem papéis, pastas de documentos e dinheiro. Quando se deu o embate contra o solo, ele desmaiou. Não sabe quanto tempo esteve assim mas quando veio a si, olhou para todos os lados à procura de socorro, mas este não apareceu. Entre as duas e as três horas os polícias sul-africanos, negros e brancos, apareceram, com lanternas. Rondaram os destroços, sem se preocuparem com os feridos mas simplesmente apanhando o que queriam. Os carros que traziam estavam equipados com rádios de comunicações.

Perguntaram à Almeida Pedro se conhecia a cara do Presidente Samora Machel. Respondeu-lhes que não estava em condições de fazer o reconhecimento. Foram a outro sobrevivente, Carlos Jambo, e pediram-lhe para lhes indicar onde estava o corpo do Presidente. Este indicou-lhes.

Continuaram a recolher as pastas e papéis, que liam e metiam no carro. Até às seis horas andaram nisto. Eu ouvia gritos de dentro do avião, mas eles não ligaram. Um dos sul-africanos, que falava português, disse a Almeida para não se preocupar com o que eles estavam a apanhar, pois iam enviar tudo para Maputo. Recordo-se que os primeiros feridos apenas chegaram ao hospital às 8.00 horas do dia seguinte ao do despenhamento.

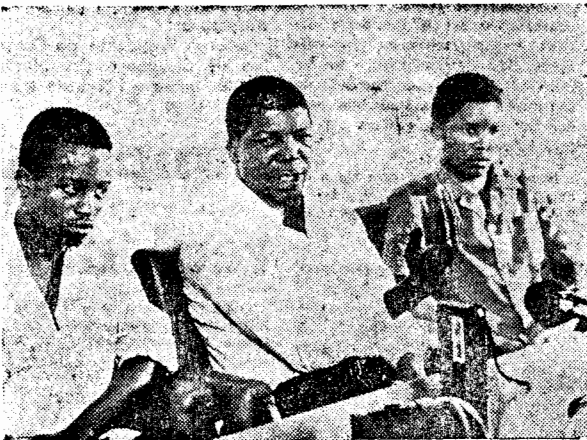
Segundo os três entrevistados, à

excepção do engenheiro soviético, que ia na cabina dos pilotos, os restantes sobreviventes vinham todos na parte de trás do avião.

Almeida Pedro e Daniel Cuna, dizem não se ter apercebido do disparo de que fala Fernando João. O primeiro, porque vinha a dormir e o segundo não se recorda (vinha a ler).

Fernando João não acredita na possibilidade de o avião poder ter sido atingido por um míssil, pois se assim fosse, conforme disse, o avião teria explodido no ar e ninguém escaparia. Não cte também na hipótese de ter sido colocado um engenho explosivo a bordo, na Zâmbia, porque ele próprio, como chefe da Segurança da comitiva presidencial, providenciou para que o avião estivesse, durante todo o tempo em que permaneceu estacionado em Mbala, bem guardado. A própria tripulação não abandonou o avião, tendo inclusivamente aí alojamento. As Forças de Defesa e Segurança zambianas também colocaram uma cintura de segurança do lado de dentro do aeroporto e outra por fora. Em Lusaka, o avião esteve parado apenas trinta minutos, na viagem da ida, e apenas desembarcaram, para além do Presidente Samora Machel, três homens da Segurança. A viagem de regresso não teve escala em Lusaka.

Sobre a demora da comunicação dos sul-africanos às nossas autoridades sobre o ocorrido, Fernando Manuel diz que era uma hora quando eu Inormel do despenhamento e pedi, que transmitissem para Maputo. Eles garantiram que estavam a tentar falar para Maputo, mas em Maputo ninguém estava no ar. Eu ainda insisti e disse-lhes que ou o Ministério dos Negócios Estrangeiros, ou a Segurança ou a Defesa estavam no ar à espera de receber qualquer informação sobre o avião presidencial. Eles disseram que não havia problema. Dia seguinte, quando amanheceu, voltei a falar, ao chegar onde estava o avião com o Inspector da Polícia, para me dar a cópia da mensagem enviada para Maputo. Disse para não me preocupar, que já tinham mandado a mensagem. Mas não me deu a cópia.



Da esquerda para a direita: Daniel Cuna, Fernando Manuel e Almeida Pedro, quando falavam na conferência de imprensa

trinta minutos depois recobrou os sentidos, por efeito do frio e chuvicos que se faziam sentir.

A cerca de 600 metros, avistei uma casa branca com luz acesa. Dirigi-me a ela mas, quando se encontrava a cem metros, as luzes no interior da casa foram desligadas. Ouviu vozes à esquerda e pareceu-lhe que havia gente perto. Quando chegou lá e peço licença, em português, ninguém me responde. Afinal, mal me viram fugiram de mim.

Atrás vinha uma senhora com um bebé. Agarrou a senhora pela blusa, tranquilizou-a e falou com ela em língua changane, explicando-lhe o que se tinha passado e que não sabia onde se encontrava. Ela explicou-lhe que estava na África do Sul e, a seu

Foi-lhe explicado que a zona da queda do avião era perigosa, porque na semana anterior ali explodira uma mina, matando uma pessoa.

Cinco minutos depois apareceu o Capitão Rendição, muito ferido. Juntos caminhamos da aldeia para o posto de socorros (15 quilómetros), onde receberam aquecidos tratamentos. Foi-lhe ali informado que não havia telefone, mas, apenas um rádio de comunicações. Foi o meio utilizado para se falar para Komatipoort, de onde veio o chefe da polícia. Foi este sujeito quem informou que dali para a Namacha eram 30 quilómetros. O polícia deixou-nos posto de socorros e foi para o local do despenhamento, regressando mais tarde.